
A ética da reparação contra a desinformação: mirada de performances de enfrentamento ao pensamento colonial nas redes sociais digitais¹

Milene Migliano²

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Escola Superior de Propaganda e Marketing/SP

RESUMO

Desde a segunda experiência de substituta na docência na UFRB, subsequente ao pós-doutorado no PPGCOM-ESPM, a mirada crítica da ética da reparação vem sendo desenvolvida e se organiza como a proposta deste artigo, terceira escrita sobre o tema. O primeiro texto foi apresentado no Intercom 2022 e buscou esmiuçar os modos de operação da “reapresentação criativa” e da “insubmissão experimental”; neste trabalho será desenvolvido o entendimento a respeito do “imaginário insurgente” contra a desinformação, encontrado em performances nas redes sociais digitais.

PALAVRAS-CHAVE: Ética da reparação; desinformação; mídias sociais; Instagram; imaginário insurgente.

TEXTO DO TRABALHO

A ética da reparação suscita um modo de operação encontrado em produções criativas que circulam entre as plataformas digitais e outras materialidades mídia, como as salas de cinema, que tem se constituído desde o fenômeno da democratização e acessibilidade dos meios. Nestas produções a criatividade é acionada para colaborar no embate ao pensamento devedor dos epistemicídios fundantes da modernidade social (GROSFOGUEL, 2016): contra as populações originárias, mouras, negras, de mulheres, corpos dissidentes e os recursos naturais de quaisquer territórios.

Parto das considerações de Grada Kilomba, quando nomeia a reparação como um arranjo de performatividades em uma etapa do processo de tomada de consciência sobre o racismo amplamente presente e organizador da sociedade.

Durante a sua primeira exposição individual no Brasil, na Pinacoteca de São Paulo em 2019, Grada Kilomba prepara uma versão inédita da obra “The Great Dictionary” “na qual a artista cria um espaço imerso onde cinco palavras são reveladas e descritas como seus sinônimos e antônimos” (PINACOTECA, 2019, p.19). Estas cinco palavras estão

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Tecnologias e Culturas Digitais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Professora do curso de Cinema e Audiovisual e pesquisadora do GEEECA/CAHL-UFRB, pesquisadora do Juvenália: questões estéticas, geracionais, raciais e de gênero em comunicação e consumo, PPGCOM-ESPM/SP; e-mail: milenemigliano2@gmail.com.

na “Carta da Autora à Edição Brasileira” de seu livro “Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano”, Grada Kilomba quando a autora situa o caminho da “responsabilidade coletiva de criar novas configurações de poder e de conhecimento” e são negação-culpa-vergonha-reconhecimento-reparação. Para a artista, autora, filósofa e psicóloga, tal percurso de “conscientização coletiva (...) não é de forma alguma um percurso moral” (KILOMBA, 2019, p.11) mas uma trilha possível na superação da contenção do imaginário político racista, colonial, xenófobo, sexista... (MIGLIANO, 2022, p. 2)

Seguindo com Kilomba, a ética da reparação tangencia a produção de textos de enfrentamento à manutenção de uma sociedade organizada desde a perspectiva da colonialidade. O entendimento de Adriana Amaral, Camila Duarte e Beatriz Polivanov que aponta o desenvolvimento de processos comunicativos de (re)apresentação, ou seja, uma apresentação de si, posicionada desde as corporalidades que tem conquistado visibilidade e possibilidades de enunciação, contamina tais textos insurgentes. A reapresentação criativa estabelece modos diferenciados de estar/ser no mundo.

O aporte teórico da audiovisibilidade, desenvolvido por Rose de Melo Rocha provê operações para produção da análise crítica sobre ativismo, expandindo a compreensão de visibilidade produção de legitimidade por meio do acionamento de textualidades audiovisuais em circulação na internet. Muitos destes textos inscrevem uma insubmissão experimental aos gêneros consolidados nas audiovisualidades consolidadas nos processos comunicacionais do século XX.

A elaboração sobre as potências de reparação para situações comunicativas, se funda nos encontros nos quais a criatividade mobiliza a superação da contenção do imaginário político (RIBEIRO) que em fragmentos de narrativa, culturais e posicionados, almejam a transformação social. Por serem enfrentamentos ao pensamento colonial, consideramos tais imaginários insurgentes, já que embatem estruturas da crise contemporânea.

“É dessa forma que as insurreições se prolongam, molecularmente, imperceptivelmente, na vida dos bairros, dos coletivos, das ocupações, dos centros sociais, dos seres singulares, no Brasil, como na Espanha, no Chile como na Grécia. Não porque elas colocam um programa político em marcha, mas porque elas põem devires-revolucionários em ação. Porque aquilo que se viveu brilha de tal forma que aqueles que o experienciaram se tornam fiéis e não querem se separar disso; pelo contrário, querem de fato construir o que agora *faz falta à sua vida de antes*. (Comitê Invisível, 2015, p.52)

Etnografia digital e desinformação

A etnografia digital é uma proposição investigativa que atualiza para os contextos da contemporaneidade a possibilidade do envolvimento da pessoa pesquisadora às vivências e experiências da comunidade cultural elegida. Christine Hine, em “A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana”, traduzido por Carolina Parreiras e Beatriz Accioly Lins, situa a unicidade dos insights da pessoa etnógrafa em relação ao campo abordado.

A etnografia deriva suas reivindicações de autenticidade da franqueza da experiência que o etnógrafo tem do cenário e da intensidade de sua imersão no mesmo, ao invés de aspirar à produção de fatos objetivos, e esse compromisso é visível no texto etnográfico final. A etnografia não reivindica o desenvolvimento de um relato objetivo independente das especificidades do engajamento particular do etnógrafo com o cenário. (HINE, 2020, p.3)

Ao considerar as singularidades dos usos das mídias sociais no Brasil, a demanda por transformação social e o que é possível encontrar na fricção entre tais circunstâncias, uma encruzilhada para outros encontros únicos, inventivos e potentes de transgressão de seus pontos de partida. Tal condição entre zona de passagem, detenção, contatos e atravessamentos é o que considero território para realização da etnografia digital em liminaridades criativas (MIGLIANO, 2021; ROCHA, MIGLIANO, 2022) entendimento desenvolvido desde a investigação do doutoramento, que busca abarcar a potência da multiplicidade de sentidos da web.

Nesta etnografia digital, produzi um mapa³ preliminar acerca da refundação dos discursos desinformantes desde perfis ativistas na rede social Instagram, engajados no enfrentamento ao pensamento colonial. A perspectiva da desinformação tomou lugar enquanto pauta pública diante das consequências avassaladoras para a sociedade durante a pandemia de Covid-19. Sua abordagem, porém, é anterior a este contexto, e a luta de ativistas no seu enfrentamento também. O pesquisador Tarcízio Silva situa:

A desinformação pode ser de dois tipos, deliberada ou não deliberada. Esta última, não deliberada, se refere ao ato de desinformar, intencionalmente ou não, em ato que tem origem no fato de o emissor da mensagem estar também desinformado, baseado em informação incorreta ou errônea. Já desinformação deliberada ocorre no ato de gerar ou repassar informação falsa com a intenção de gerar mais desinformação nos receptores. Entretanto, como a intencionalidade dos atores é difícil de ser comprovada – sendo muitas vezes distribuída em plataformas e algoritmos –, faz-se necessário reforçar o olhar sobre impactos e efeitos para além de intenção. (SILVA, 2022, p.31)

³ O mapa produzido se inscreve entre a produção do resumo e do texto final e deriva entre os perfis de pessoas, projetos, canais de comunicação, associação da sociedade civil e comunidade de luta quilombola, dando a ver a potencialidade da multiplicidade ativa na plataforma.

Neste trabalho, a proposta é situar enquanto desinformação a propagação e manutenção de textualidades que contém racismo, preconceito, estigmas e apagamento de culturas, comunidades e pessoas, em circulação pelas mídias sociais, especificamente, o Instagram. Assim, objetivo elencar e esmiuçar como estes discursos violentos e opressores tem sido retomados por perfis de causas ativistas e interseccionalizadas se apropriando da prática do dissenso e refabulando os ataques como resposta e oportunidade de tematizar os assuntos, enquanto éticas reparadoras do século XXI.

Derivas cartográficas do enfrentamento à desinformação

A proposta de investigação almeja a realização de um mapeamento, levantamento dos dados e análise crítica de conteúdos desinformativos que foram tematizados e reelaborados por perfis engajados sobre as questões e ações do enfrentamento à colonialidade. Entre tais enfrentamentos, relacionados a luta pela soberania dos territórios e povos originários, a luta pela terra e seus ecossistemas, pela preservação ambiental bem como a luta antirracista e de enfrentamento ao patriarcado hereditário e coronelista, tem desdobramentos no tempo contemporâneo em suas interseccionalidades, proporcionando, por exemplo, o entendimento da luta LGBTQIAPN+, como uma dessas extensões.

Para o artigo aqui apresentado ao GT, elencaremos situações de enfrentamento como as enunciadas pelo perfil da Associação de Travestis e Transexuais, rede de organização política de pessoas trans (@antra.oficial), pelo perfil do projeto de emancipação de mulheres DanzaMedicina (@danzamedicina), pelo perfil originado de um trabalho de conclusão de curso de jornalismo da UFRB, a Revista Afirmativa, mídia negra independente e livre (@revistaafirmativa), o perfil da rapper, atriz e comunicadora mbya guarani da terra indígena Jaraguá em São Paulo Katu Mirim (@katumirim) e o perfil da comunidade Quilombo Rio dos Macacos, que enfrenta há anos uma desapropriação pela prefeitura de Salvador e pela Marinha brasileira, em território hoje situado na cidade de Simões Filho, Bahia, (@quilomboriiodosmacacos); por aqui, inicio.

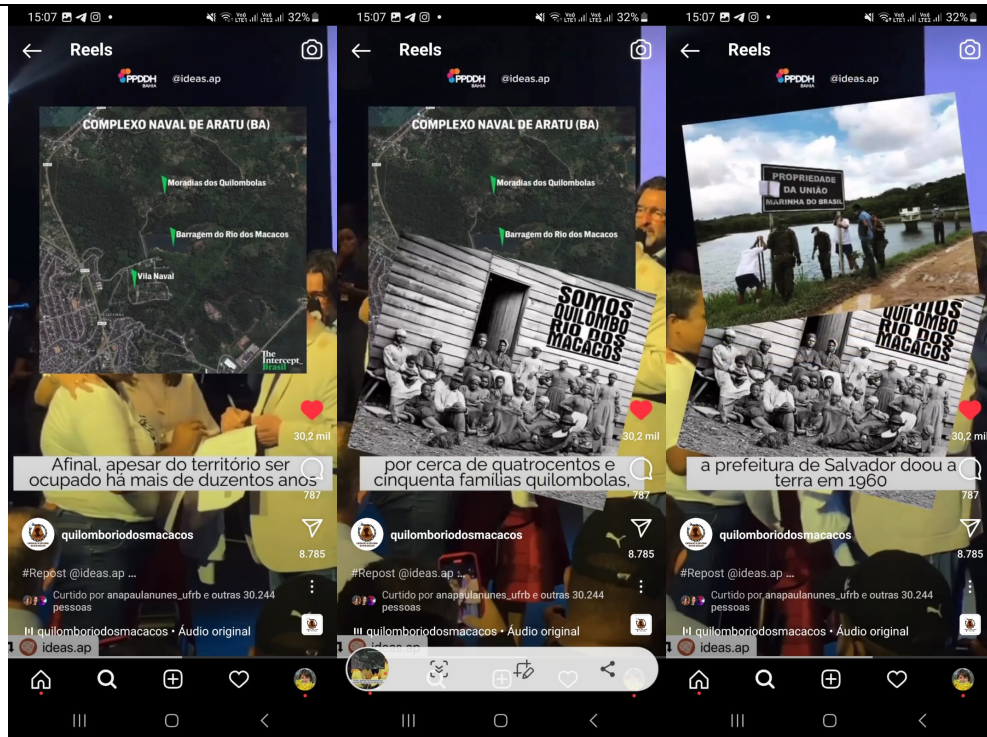


Fig. 1 - Sequência de capturas de tela de reels postado no perfil @quilomboriodesmacacos

A primeira entrada em campo apresentada é um vídeo em curto formato postado no perfil da comunidade quilombola Rio de Macacos. O vídeo foi produzido a partir da performance realizada pela coordenadora da Associação dos Remanescente de Quilombo Rio de Macacos, Rosemeire Silva, na ocasião do lançamento da Lei Paulo Gustavo na Concha Acústica, do Teatro Castro Alves, em Salvador, Bahia. A coordenadora pediu veementemente para conversar com o presidente Lula, e diante de sua investida no palco e abordagem dos seguranças, o presidente cedeu à sua escuta e anotou o recebimento do documento que solicita o reconhecimento do território. Ao vídeo do registro da situação foram aplicadas imagens e textos que articulados com uma legenda, compõem a produção da informação acerca da violência do estado que o território quilombola vem sofrendo há mais de 50 anos.

Aproveitando de um evento no qual a atenção da classe artística e cultural do Brasil estaria acompanhando, pois o lançamento da Lei Paulo Gustavo era esperada desde o governo anterior, a associação soube captar tal atenção para dar visibilidade à sua causa: o registro do número de visualizações do vídeo alcançou mais de 30 mil plays, 787 comentários e mais de 8760 compartilhamentos. Palavras de enaltecimento da luta, encorajamento e pedido de justiça se consolidam nesta rede social. Na página inicial do perfil da associação, há na bio o compartilhamento do link de um vídeo no Youtube. O

documentário realizado por parcerias da associação, teve um aumento considerável no número de visionagens desde tal publicização. Os comentários também foram acrescidos de mais vozes que se somam ao clamor por justiça àquela população, bem como a represálias ao estado nas figuras da marinha, exército e governo da Bahia, fazendo circular a presença do quilombo no imaginário brasileiro.

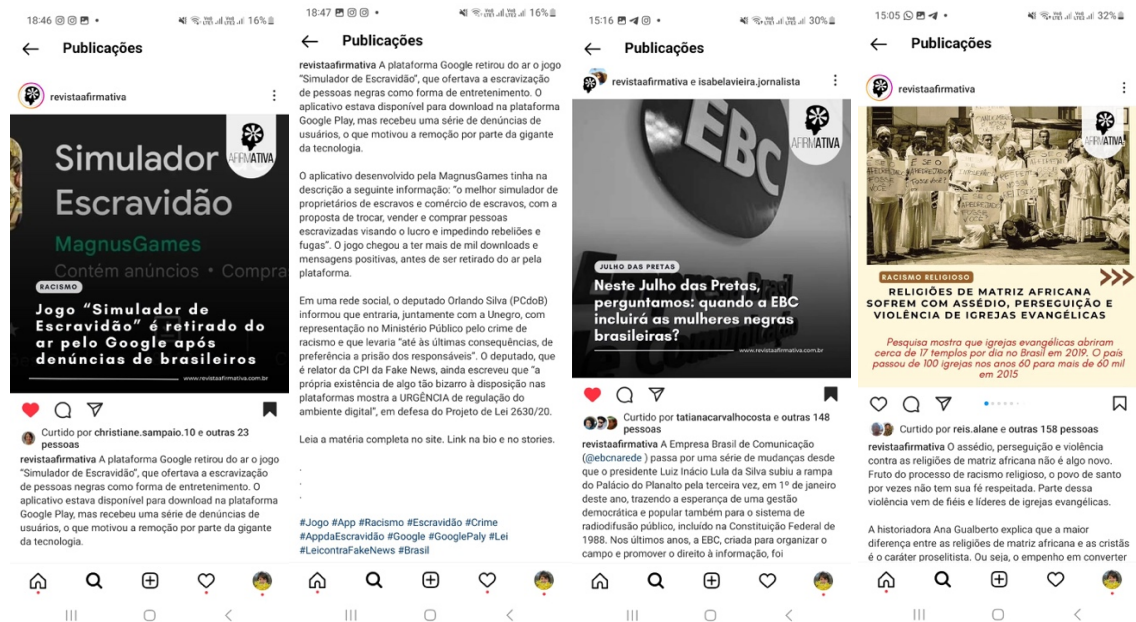


Fig 2 – Sequencia de postagens do perfil @revistaafirmativa

O segundo inventário de postagens acionado é a sequencia postada pelo perfil da Revista Afirmativa, canal de comunicação que se identifica como antirracista, ativista dos direitos humanos e dos direitos LGBTs. A revista Afirmativa mantém site próprio, perfil em outras mídias sociais e também conta com versões impressas de seu conteúdo, esporadicamente. No Instagram o perfil conta com pouco mais de 42mil seguidores, que acompanham a sua cobertura diária em pautas que vão desde denúncias, passando por revisão de matérias jornalísticas, contextualizações históricas e críticas aos canais de mídia hegemônica. Nas quatro postagens escolhidas para compor o mosaico de postagens do mapa, a primeira situa a retirada do catálogo de aplicativos Google Play de um jogo intitulado “Simulador de escravidão”, considerando entretenimento a escravização de pessoas negras. Como postado no perfil, e na página da Revista Afirmativa, o deputado federal Orlando Silva informou que entraria com uma representação no Ministério Público, juntamente com a Unegro e que tal situação é mais uma prova da necessidade de regulação das plataformas digitais.

Nas outras duas postagens capturadas, temos uma reivindicação da Revista Afirmativa a respeito de quando a Empresa Brasil de Comunicação incluirá mulheres negras brasileiras à frente de sua programação, colocando a democracia em debate, inclusive na marcação do perfil na publicação. Na segunda postagem, vislumbramos apenas o primeiro card do carrossel produzido pelo perfil da Revista Afirmativa na qual pauta o assédio, violência e perseguição que as religiões de matriz africana têm sofrido no Brasil, clamando por liberdade de expressão e liberdade religiosa para os grupos atingidos. Perfil vivamente replicado por sua equipe em perfis pessoais, a página contém poucos comentários em suas postagens na mídia social Instagram.

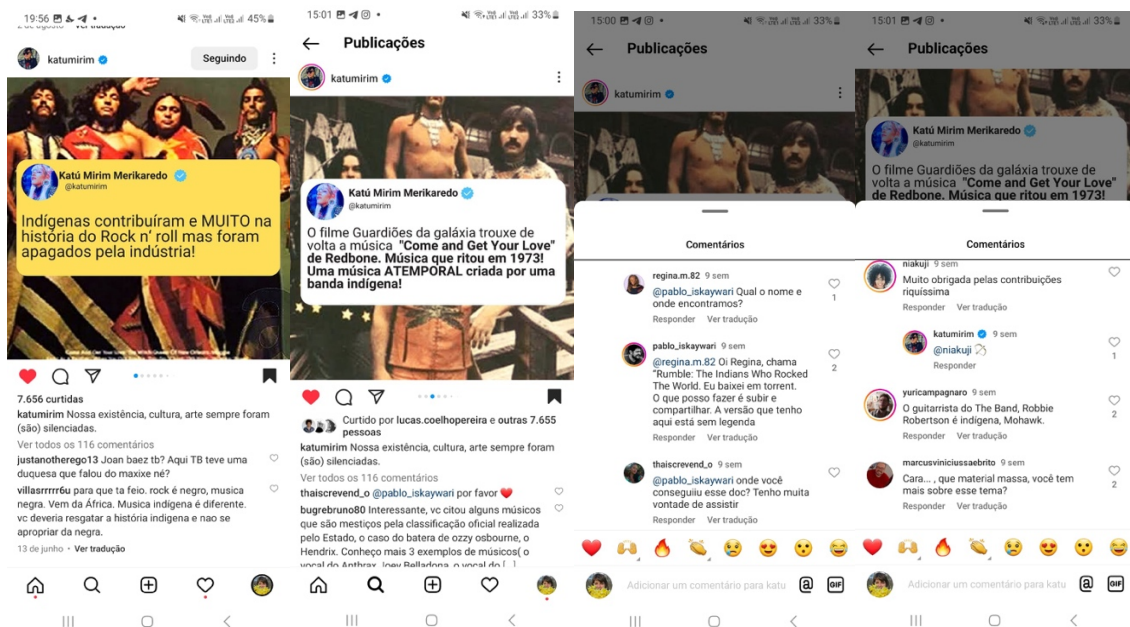


Fig 3 - Sequência de capturas de tela de carrossel e comentários postado no perfil @katumirim

A rapper, atriz e comunicadora indígena Katumirim transita por diversas mídias, plataformas e iniciativas. No material elencado neste trabalho, a postagem do carrossel de textos, inicialmente postados na mídia social vizinha, é retrabalhado com o acréscimo de imagens e postado no Instagram. Este tipo de transversalidade na mídia social em questão é mais um modo de transgredir os regramentos e as condições de possibilidade das plataformas digitais à disposição na contemporaneidade.

A postagem do carrossel, que na outra rede poderia ser um fio, tem a imagem de músicos indígenas como imagem de fundo dos textos, que reivindicam a presença dos povos originários do território americano na música, ou melhor, no gênero rock. Postagem que se inicia com a afirmação do apagamento das contribuições indígenas pela indústria

da música, o fio vai trazendo a cada cartela mais informações e a possibilidade de fazer circular sentidos até então desconhecidos pelo público, como vislumbrado nos comentários.

Na primeira imagem, consta um comentário que aciona a cantora Joana Baez como também descendente indígena. Na sequencia dos comentários, há uma reclamação de que a reivindicação de Katumirim é ilegítima, já que o rock é música negra, apontando que música indígena é outra coisa, demonstrando mais uma vez a capacidade desinformativa dos estigmas sociais. Nos fragmentos de imagens capturados a seguir, perfis trocam informações sobre um filme documentário que narra tão relação das contribuições indígenas para o rock, assim como inclusive explica como fará para compartilhar o filme com os perfis ávidos por assistí-lo. As trocas são produtivas e apontam inclusive para fora da plataforma Instagram, a segunda a compor tal nó comunicativo.

Considero que neste caso temos uma possibilidade de análise de comentários em duas escalas: uma presença que produz mais desinformação, desde um contato equivocado com as informações de base, e a criação de comunidade de interesse e de compartilhamento de mais informação sobre o assunto postado pela rapper. O imaginário é insurrecional no sentido de reivindicação da invisibilidade na cultura musical, mobilizando um conteúdo até então apagado naquele nicho da mídia social.

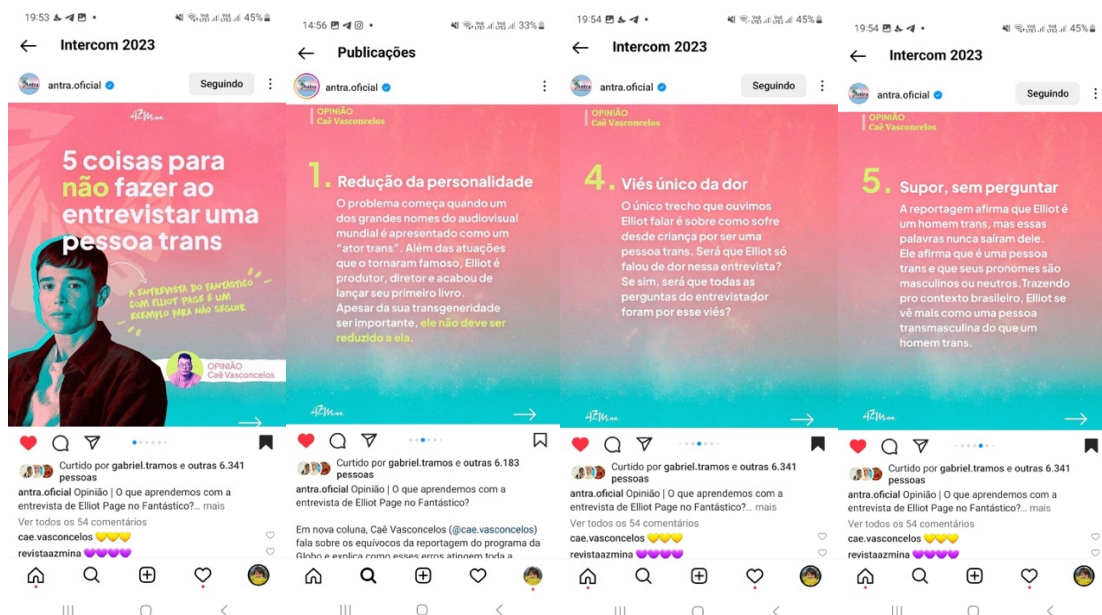


Fig. 4 – Sequência de capturas de tela de carrossel postado pelo perfil @antra.official

A quarta deriva cartográfica produzida para este artigo encontrou um carrossel informativo sobre como proceder em uma entrevista à uma pessoa trans, em contraposição à entrevista que havia sido realizada com Elliot Page há pouco tempo no programa dominical Fantástico. Crítica de mídia, o conteúdo postado traz a parceria com Caê Vasconcelos, jornalista do veículo Azmina que situa cinco ações que devem ser evitadas.

A postagem produz um enfrentamento à desinformação não deliberada, como também não questionada por seus produtores, que ocasionou desconforto e ênfase em nuances há muito ressaltadas pela mídia hegemônica em relação aos corpos trans: descuido na redução da personalidade da pessoa trans a apenas uma característica, exaltação da dor que sente uma pessoa trans ao longo da vida e a decisão das/es/os jornalistas em suporem como a pessoa trans quer ser chamada, em ao menos questioná-la. O imaginário insurrecional aqui se relaciona tanto na produção de visibilidade dos corpos trans quando no enfrentamento à um dos programas de variedades mais legitimados da televisão brasileira.

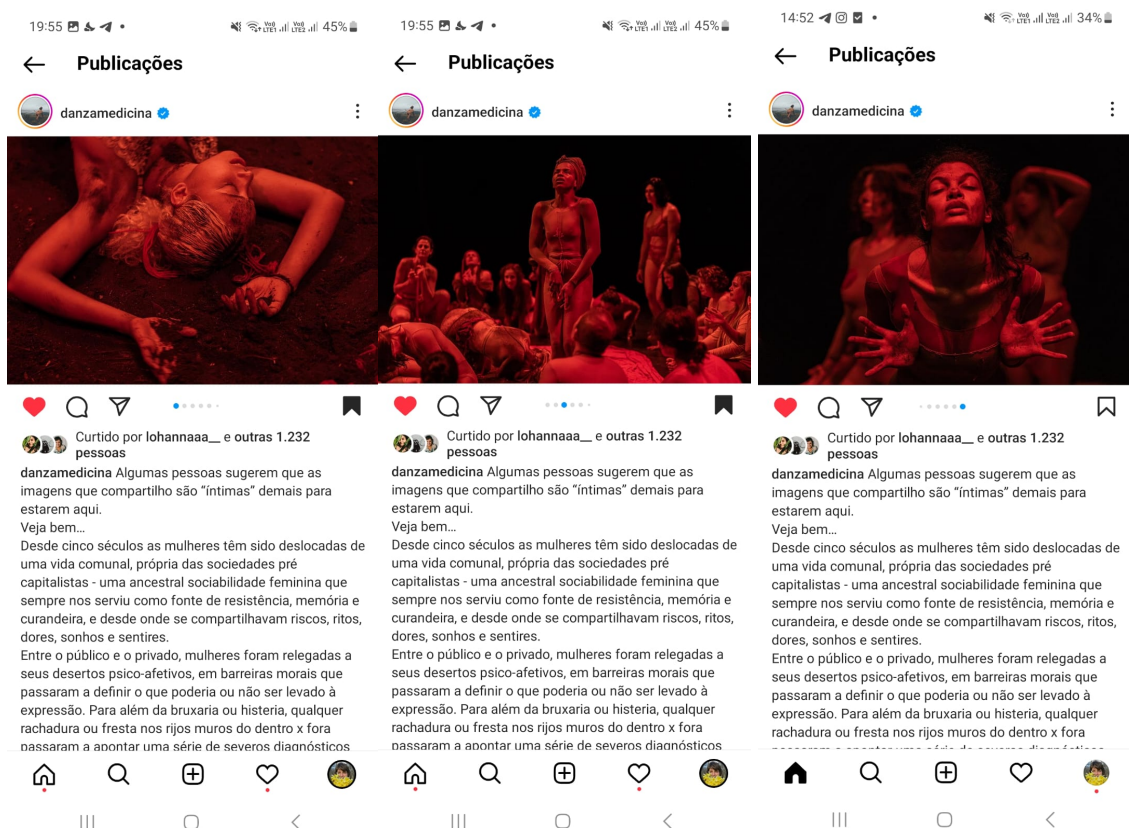


Fig 5 – Sequência de captura de telas de carrossel de fotos postadas por @danzamedicina

Se a luta do perfil da Antra é a visibilidade e informação da existência e luta de corpos trans e uma demanda reparadora de enfrentamento a mídia externa ao Instagram, no carrossel de imagens do perfil @danzamedicina, animado por Morena Cardoso, aqui o pedido de reparação se faz na demanda da liberdade de uso da plataforma digital Instagram pela autora. Morena enuncia no @DanzaMedicina que as imagens postadas em seu perfil são julgadas como muito íntimas para estarem ali. O carrossel de imagens que acompanha o texto é de uma vivência terapêutica de emancipação de mulheres realizada em Belo Horizonte, na qual a dança é o motor e vetor dos processos de tomada de consciência e cura.

Morena enfrenta tanto a crítica social que circula sobre suas imagens como a própria plataforma Instagram, que ocasionalmente tira do ar postagens realizadas pela autora, que continuam a existir nas mídias sociais vizinhas, e no seu site próprio. O texto da postagem é finalizado assim:

Instagram para mim não é - somente - uma vitrine para a venda de produtos. É um espaço onde por vezes permito escoar “minha” arte (entre muitas aspas pois ela é sempre alquimizada pelo encontro entre a minha e outras corpos). Eu não me submeto à rede social, eu a invado com as minhas narrativas, povoando e fertilizando o imaginário de um feminino que não é “íntimo”, mas sim silenciado - pero no más! A quem interessa que a raiva, os desajustes, os praguejos, o gozo, as lágrimas e os gritos das mujeres, em suas visceralidades, sigam ecoando mudos, entre quatro paredes?

Com imagens de uma fotógrafa parceira, o carrossel tem mais de 57 comentários que exaltam o texto que acende o fogo do desejo de transformação da vida das mulheres e da plataforma.

Desde o reconhecimento da dimensão epistemicida dos gestos e práticas colonizadoras dos territórios durante a expansão europeia e da emergência e possibilidades de enunciação nas mídias sociais de subjetividades antes objetivadas e abjetivadas da visibilidade social e midiática, múltiplas ações de enfrentamento destas ações desinformantes (BANDEIRA, 2023) tem se consolidado entre as plataformas digitais e imaginários mobilizados nos tempos contemporâneos.

Com tamanha diversidade de territórios de luta articulados - associações, projetos, mídia jornalística alternativa, artista comunicadora e comunidade, foram esmiuçados os modos de produção de narrativas, gestos e fragmentos que por meio do enfrentamento ao pensamento colonial, superam a contenção do imaginário político social em manutenção de privilégios.

Os imaginários políticos vislumbrados desde a ética da reparação têm uma dimensão coletiva de organicidade, vislumbram as singularidades e subjetividades que compõem tal coletividade transformadora, como em um enxame (HAN, 2018). Entre mídias sociais, programas de televisão, contextos culturais de outros tempos e espaços e demandas urgentes do tempo presente, os gestos e demandas de reparação aqui elencados suscitam imaginários da(s) insurreição(ões). Tais imaginários são desejosos de instaurar uma transformação, uma insurreição; também se constituem como sociotécnicos, tendo uma parte instituinte e uma parte transformadora da sociedade, ou seja, mobilizadora das temporalidades e contemporizada nas territorialidades em fluxo.

Tais mapas aqui produzidos e percorridos estão relacionados à emergência de práticas de cuidado calcadas em éticas de reparação que visam a transformação das opressões e violências mundiais, em enfrentamentos territorializados no Brasil; uma cartografia que dá visibilidade à uma amostra do ensejo e desejo transmutado no tempo do agora: outros modos de ser, ver, entender e fazer mundo possíveis e urgentes.

Conclusão

As possibilidades de encontro com outras epistemes desde o uso e apropriação ampliados nos consumos das mídias sociais e plataformas digitais tem se consolidado enquanto produções performáticas desejanter de reparação como modo de enfrentamento às práticas desinformativas da colonialidade.

No desenvolvimento do texto, foi possível compreender os gestos destes corpos em luta assim como estancar os discursos desinformantes com ações calcadas gestos posicionados. A ética da reparação pauta tais enfrentamentos e aqui propomos vislumbrá-los e exaltá-los para poder logo multiplicar tais práticas, processos e discursos, em busca de uma mudança neste novo espaço de sociabilidade, controlado e prenhe de sonhos: imaginários da insurreição atuante/porvir.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; DUARTE, Camila; POLIVANOV, Beatriz. Subculturas, re(a)apresentação e autoironia em sites de rede social: o caso da fanpage “Gótica Desanimada” no Facebook. In *Revista Lumina*, v. 9, n.2, 2015. Juiz de Fora: UFJF.

BANDEIRA, Olívia. Org: Mendes, Gyssele, Org; Pasti, André, Org. **Quem controla a mídia? Dos velhos oligopólios aos monopólios digitais/** Organização de Olívia Bandeira e André Pasti. Edição de Bem-Hur Demeneck. – São Paulo: Veneta; Coletivo Intervezes, 2023, 320p.

BELO, Pollyane. Demarcações primárias sobre experimentações do corpo-subjetividade de uma mulher negra no *Omegle*. In. ALMEIDA, Gabriela; CARDOSO FILHO, Jorge. **Comunicação, estética e política: epistemologias, problemas e pesquisas.**

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos: Crise e Insurreição.** São Paulo: n-1 edições, 2016.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

HINE, Christine. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos de Campo**, (São Paulo, online), v. 29, n.2. p.1-42, dezembro, 2020. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181370>.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Estado e Sociedade**, v. 31, n.1, p. 25-49, jan./abr. 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MIGLIANO, Milene. Disputas de sentidos nos stories: uma análise crítica do perfil DanzaMedicina. In: **Anais do 30º Encontro Anual da Compós, 2021**, Campinas. Anais eletrônicos [...]. Campinas: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2021/papers/disputas-de-sentidos-nos-stories--uma-analise-critica-do-perfil-danzamedicina>. Acesso em 15 de julho de 2023.

_____. Reparação como ética da produção audiovisual contemporânea para enfrentamento ao pensamento colonial. In: **Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2022**. João Pessoa: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação - Intercom, 2022.

MIGLIANO, Milene; ROCHA, Rose de Melo. A 25ª Parada do Orgulho LGBT em live e vídeos no Youtube: corpos audiovisuais expandidos e urbanidades dissidentes In: **Juventudes: violência, biocultura, biorresistência**. 1 ed. São Paulo: EDUC - Editora da PUC-SP, 2022, v.1, p. 31-52.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Nós temos hoje uma espécie de contenção do imaginário político.** Entrevista in Revista Marimbondo, v.01, 2011.

ROCHA, Rose De Melo (org.). **Artivismos musicais de gênero: bandivas, travestis, gays, drags, trans, não-binários.** Salvador: Devires, 2020.

SILVA, Tarcízio. **Racismo Algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. São Paulo: Edições Sesc, 2022